

O “MOVIMENTO DOS INDIGNADOS”: MOBILIZAÇÃO E PERSPECTIVAS POLÍTICAS NA ESPANHA CONTEMPORÂNEA

Daniella Ataíde Lôbo¹

Resumo: A presente comunicação propõe discutir as manifestações recentes ocorridas na Espanha, em 2011, à luz do pensamento de Rosa Luxemburgo. As amplas mobilizações da população espanhola por meio da ocupação dos espaços públicos, assim como a diversidade dos posicionamentos dos agrupamentos dirigentes, permitem refletir sobre as novas formas de organização da sociedade e a recuperação de uma tradição de luta dos trabalhadores. Questões políticas discutidas pela teórica e militante polonesa como a espontaneidade revolucionária, a atividade das massas, a inserção na vida pública e democracia servirão para um exame mais apurado sobre as proposições apresentadas pelo “Movimento dos Indignados” em meio às experiências históricas dos trabalhadores e às mudanças da conjuntura atual.

Palavras-chave: Espanha; mobilizações; Rosa Luxemburgo.

O ano de 2011 foi marcado por manifestações que levaram às ruas milhares de pessoas em diferentes partes do mundo. A eclosão de movimentos sociais de protesto que tomaram as ruas e as praças da Grécia, Tunísia, Egito, Israel, Chile, Estados Unidos, Inglaterra e Espanha demonstraram o grau de indignação de uma população ávida por mudanças políticas e sociais. As motivações dos movimentos populares, sob um olhar apressado, podem parecer distintas, mas é possível vislumbrar certa convergência que, por mais distantes que estejam, seja em termos de localidade, seja em termos reivindicativos, possuem perspectivas comuns de algum tipo de alteração política e econômica nas formas de organização da sociedade atual. Perspectivas, sem dúvida, alimentadas por uma crise econômica globalizada que atinge vários países capitalistas. Ao historiador interessado nos processos contemporâneos cabe uma reflexão mais aprofundada sobre a dimensão desses acontecimentos, os objetivos dos envolvidos e suas táticas de intervenção, de maneira a ampliar a sua compreensão sobre a conjuntura atual e os desafios do tempo presente.

As manifestações tiveram início na Espanha, em 15 de maio de 2011, como reação às medidas implementadas pelo governo local para tentar sair da crise econômica que abala o país nos últimos anos² e, posteriormente, se internacionalizou atingindo

outras regiões. Debruçamo-nos aqui, mais especificamente, sobre as questões em torno do chamado “Movimento dos Indignados”³ ou 15 M⁴ que nos servirá como objeto de estudo, com o intuito de discutir algumas concepções da teórica e militante Rosa Luxemburgo que possam contribuir para uma melhor compreensão acerca de determinadas questões presentes nos movimentos populares de protestos na Espanha no decurso daquele ano. Interessa-nos, desse modo, contribuir na análise das manifestações, maturando quesitos que se fizerem pertinentes à luz do pensamento político de Rosa Luxemburgo. Alertamos, todavia, que se trata de uma pesquisa em gestação, o preâmbulo de um estudo monográfico, cujo aprofundamento das questões indicadas será feito no decorrer da análise das fontes documentais e bibliográficas.

Reconhecemos as dificuldades que permeiam a análise de um tempo tão próximo, onde os fatos ainda se desenrolam e as mudanças são constantes. Apesar da maior cautela que um trabalho inserido na vertente historiográfica do tempo presente demanda, todo e qualquer historiador, seja qual for a temporalidade do seu estudo, carrega com isso o benefício da dúvida e a possível retratação de suas opiniões, não sendo o recuo do objeto a garantia de uma maior objetividade. Sobre isso Philippe Tetárt destaca que:

O historiador dos tempos presentes não pode, portanto, tanto quanto os outros, pretender uma pura objetividade. Ele recusa, contudo, a *doxa* que afirma que só se fala com razão do passado morto. Nenhum passado morre, pois, inerva continuamente a história dos indivíduos. De resto, conhecendo a especificidade de seu trabalho, ele deve talvez mais do que qualquer outro, escrever com consciência e rigor.⁵

Do mesmo modo, tomamos por acertadas as palavras de Eric Hobsbawm quando afirma que “até mesmo o passado registrado muda à luz da história subsequente”⁶. A rigor, a demanda por uma análise mais aprofundada, na qual seja feita a dissecação do fato com cuidadosa crítica, levando em consideração o contexto como um todo, mas não desfazendo das suas particularidades, deve ser uma preocupação constante do historiador. Nessa perspectiva é que se propõe um olhar mais apurado sobre os acontecimentos políticos recentes ocorridos na Espanha e suas perspectivas de intervenção diante dos gigantescos desafios colocados para as organizações operárias na contemporaneidade.

O lema “*Dormíamos, despertamos*”⁷, gritado pela população espanhola, sinaliza a disposição dos integrantes do movimento em reagir de maneira contundente à

situação precária enfrentada pelos habitantes cuja resolução parece fugir ao controle dos governantes. Um dos aspectos que chama a atenção na mobilização dos manifestantes espanhóis, assim como em outros países, foi a ampla utilização dos meios de comunicação de massa da atualidade, as mídias alternativas⁸, incluindo redes e mídias sociais, como ferramentas de mobilização para as paralisações e greves. Os participantes inicialmente se reuniram nas principais ruas e praças das cidades espanholas a fim de se fazerem notados. À medida que o movimento crescia, formas de organização e de sustentação foram sendo gestadas. A ocupação dos espaços públicos – as praças – nos quais se realizaram amplas assembleias com o intuito de definirem os meios de intervenção evidencia alguns aspectos importantes dessas manifestações. Qual a dinâmica dessas assembleias? Que tipo de estratégias políticas foram ali discutidas? Que grupos políticos disputam a liderança do movimento? Que relação pode ser feita entre essas mobilizações e a retomada do movimento operário em outro patamar de organização? Essas são algumas das questões que pretendemos refletir no decorrer da pesquisa sobre o tema.

Ao analisar as condições pelas quais os movimentos populares eclodiram na Espanha, é possível reportar a elementos substanciais na teoria de Rosa Luxemburgo: a forma de organização, a espontaneidade revolucionária e o conceito de democracia, com vistas a uma melhor compreensão desses acontecimentos. Rosa Luxemburgo foi uma observadora perspicaz e atenta do movimento operário alemão, teorizou sobre o movimento das massas, salientando tanto sua eficácia, quanto suas deficiências, em escritos como “A ordem reina em Berlim”, “Greve de massas, partido e sindicatos”, “É obra de muitos”, “As massas “imaturas””, “Novamente a massa e o líder” mais especificamente, entre outros textos.

Para Luxemburgo, a espontaneidade significa a autonomia popular, a “auto-atividade” do movimento de massas frente à ideologia burguesa no processo revolucionário. Nesse sentido, a experiência prática, iniciada com a espontaneidade, e a consciência não se desvinculam, existindo uma relação dialética entre elas que, se rompida, ambas se prejudicam, pois é através da prática revolucionária que os indivíduos teriam contato com experiências políticas e com a forma como se estabelecem as relações entre os diferentes organismos de uma sociedade de classes, adquirindo, concomitantemente, no decorrer do movimento, consciência e experiência política. Ela justifica suas concepções por meio da experiência concreta, como quando

examina a Revolução Russa de 1905 e retira dela ensinamentos que, a seu ver, devem orientar a análise sobre o movimento de massas:

A Revolução Russa ensina-nos assim uma coisa: é que a greve de massas nem é “fabricada” artificialmente nem “decidida” ou “difundida” no éter imaterial e abstrato, é tão somente um fenômeno histórico resultante, num certo momento, de uma situação social a partir de uma necessidade histórica.⁹

Em um trabalho no qual propõe esclarecer a atualidade do pensamento de Rosa Luxemburgo e a sua contribuição para os movimentos sociais, Isabel Loureiro explicita como a ideia de organização das massas colocada pela teórica serve para auxiliar na compreensão dos movimentos de luta contemporâneos:

Para Rosa, o que importa é a transformação econômica, política e cultural da sociedade levada a cabo pela ação (organizada e consciente, mas também espontânea, inconsciente) das massas populares. Esta idéia, ainda que com modificações, está na base dos movimentos sociais contemporâneos que vêm, por exemplo, nos Fóruns Sociais (mas também em todas as mobilizações como na Argentina com os piqueteros, a rebelião indígena na Bolívia durante a guerra do gás, a ocupação de terras pelo MST, etc.) a oportunidade de construir o que poderíamos chamar de *espaço público popular*, uma forma nova de articular o indivíduo e a coletividade, muito diferente do funcionamento regular das instituições nas democracias burguesas em que os indivíduos nada mais são que um aglomerado de mônadas isoladas se relacionando umas com as outras exclusivamente por meio do mercado. A construção desse EPP nos quadros da sociedade existente é demorada, problemática, contraditória. Mas sem ele, pensa Rosa (e os fracassos do socialismo real lhe deram razão), não é possível criar uma sociedade democrática que transcenda a dominação do capital.¹⁰

Como ainda é colocado pela estudiosa Isabel Loureiro, por mais que haja uma grande pluralidade dos movimentos sociais, isso não implica, de forma alguma, na negação de que é a participação das massas populares, movidas pela ação direta e pelo confronto com a política parlamentar, o agente transformador da ordem que os oprime. Para Luxemburgo, o fim de toda opressão, exploração e miséria se darão quando essa massa compreender que só ela, através de variados meios de combate, pode lutar por sua própria libertação: “Cada passo a frente na luta de emancipação da classe trabalhadora precisa, ao mesmo tempo, significar uma autonomia intelectual crescente de sua massa, sua crescente auto-atividade, autodeterminação e iniciativa”.¹¹

Esta compreensão do papel de sujeito transformador, a consciência e a maturidade dos indivíduos são postas por Rosa Luxemburgo como elementos

indissociáveis do caráter espontâneo que permeia a ação revolucionária das massas, pois, será através da experiência adquirida no interior do movimento que esta massa se educará politicamente adquirindo, assim, uma maior solidez nas questões que circundam o movimento e, principalmente, excluindo possíveis oportunistas que queiram tomar pra si um papel de liderança. Quanto a isso Daniel Guérin, ao analisar o posicionamento de Luxemburgo, observa: “À medida que a cegueira da massa recua diante de sua educação, fica destruída a base social em que repousam os ‘chefes’”¹² Mas, alerta que este processo de conscientização é gradual e não instantâneo, ocorre no decorrer do movimento, conforme este vai tomando forma e se proliferando.

Outra questão que ocupa um lugar de destaque no pensamento de Rosa Luxemburgo é a sua concepção de democracia. Para ela, não é possível haver democracia em seu sentido puro sem que ocorra a participação da população na vida pública. Conforme ressalta: “a única fonte viva a partir da qual podem ser corrigidas as insuficiências congênitas das instituições sociais é a vida política enérgica, sem entraves, ativa, das mais largas massas populares”¹³, acentuando uma relação de permanente cumplicidade entre as massas e a verdadeira democracia. É uma relação de convivência porque através da inteira entrega das massas à vida pública não ficariam lacunas para organizações oportunistas possibilitando o exercício da democracia plena, reavivando um ciclo. Segundo Isabel Loureiro, a democracia em Rosa Luxemburgo “está intrinsecamente ligada às idéias de ação autônoma e de experiência das massas”¹⁴, chamando a atenção para a necessidade das massas se apropriarem da liberdade que lhes é oferecida e darem a ela uma função prática:

Liberdades democráticas, direito de associação e de reunião, imprensa livre são pré-requisitos indispensáveis para uma ampla circulação de idéias entre as massas populares, permitindo que saiam da minoridade em que foram postas por elas mesmas, mas, sobretudo pela dominação absolutista (no caso da Rússia anterior à revolução) e capitalista.¹⁵

Para Rosa Luxemburgo, a revolução se dá em um cenário onde os indivíduos possuam inteira liberdade de expressão e, principalmente, de participação, para que possam reproduzir suas necessidades e se estabeleça uma democracia verdadeira, sem barreiras. Seu conceito de democracia possui um caráter social, onde os entraves para plena participação popular são rompidos, “é uma democracia mais radical, que transfere para a massa, nas suas múltiplas formas de organização, todas as decisões políticas”, nas palavras de Tânia Rotolo¹⁶

Contudo, ao nos valermos da teoria política de Rosa Luxemburgo como fundamento para auxiliar a reflexão sobre o movimento espanhol, faz-se necessário contextualizar os acontecimentos ocorridos em 2011 sem perder de vista as suas particularidades e perspectivas políticas. Uma questão importante diz respeito à heterogeneidade dos participantes do movimento, tanto no que se refere às categorias, quanto às posições políticas. Com efeito, nele se fizeram presente não somente o proletariado, mas também estudantes, aposentados e até mesmo setores da pequena-burguesia atingidos pela crise econômica. Nas próprias assembleias essa diversidade se fez notória, como descreve um dos panfletos distribuído nesses espaços e largamente disseminado através de sites e blogs pela internet:

La heterogeneidad es grande, sin duda. Hemos confluído compañeros que llevamos muchos años luchando contra este sistema, otros que hemos salido por primera vez a las calles, unos que tienen claro ir a por el todo.¹⁷

O documento aponta uma questão importante no que se refere às bandeiras de protesto levantadas pelos diferentes segmentos que compõem o “Movimento dos Indignados”. Na consulta às fontes, até o momento, fica evidenciada que a pluralidade dos grupos políticos existentes no movimento se expressa em suas reivindicações e posicionamentos. Há críticas às formas atuais de organização sindical e partidárias apontando os limites para a concretização de mudanças efetivas, bem como àqueles que propõem alteração na composição desses organismos e a renovação do parlamento como meio de obtenção das transformações políticas e econômicas desejadas, e ainda os que vêem na derrubada violenta do capitalismo a resposta para os problemas atuais. Em outras palavras, as proposições políticas podem ser identificadas, a grosso modo, entre àquelas que propõem perspectivas mais radicalizadas de intervenção política e as que defendem as reformas na gestão do Estado assegurando a conquista da democracia burguesa como um valor a ser preservado.

Uma plataforma bastante atuante no movimento é a chamada “Democracia Real Já”¹⁸ (referido como DRY em espanhol), denominada assim pelos próprios integrantes:

Somos Democracia real ya! y nuestro propio nombre expresa nuestra principal reivindicación. Queremos devolver el significado original a la palabra democracia. Queremos una democracia real, y no el bipartidismo sordo y la corrupción que impregnan nuestro gobierno.¹⁹

Esta plataforma reúne grupos de diferentes segmentos, mas com interesses

convergentes, posicionando-se pela defesa das reformas democráticas e colocando-se frontalmente contrário às críticas mais contundentes ao sistema. Em uma página na internet²⁰ onde a plataforma se expressa, é possível perceber o caráter reformador que possuem através das propostas apresentadas, pois a maioria delas demandam apenas melhorias no sistema político e econômico vigentes, como por exemplo, a eliminação dos privilégios de uma classe política que detém o poder, mas não a eliminação desta: “Control estricto del absentismo de los cargos electos en sus respectivos puestos”, como também a “supresión de los privilegios en el pago de impuestos, los años de cotización y el monto de las pensiones. Equiparación del salario de los representantes electos al salario medio español más las dietas necesarias indispensables para el ejercicio de sus funciones”, e por fim o “establecimiento de mecanismos efectivos que garanticen la democracia interna en los partidos políticos”²¹.

Um panfleto anônimo, como a maioria que são distribuídos nas assembleias e difundidos em sites e blogs na internet, refuta essa perspectiva, defendendo uma postura mais incisiva contra o capitalismo:

No hay otra democracia. Es una trampa reivindicar esa democracia ideal y maravillosa que nos han contado desde pequeños. De la misma manera no se trata de mejorar este aspecto o este otro, pues lo fundamental seguirá en pie: la dictadura de la economía. Se trata de transformar totalmente el mundo, de cambiarlo de arriba abajo. El capitalismo no se reforma, se destruye. No hay caminos intermedios. Hay que ir al fondo, hay que ir a la abolición del capitalismo. ²²

Acentua, ainda, a necessidade de organização autônoma e da tomada de consciência para consolidar a luta e avançar o processo de mobilização. Essa posição pode ser identificada também nos documentos produzidos por alguns anarquistas que, ao distanciarem das proposições formuladas pelo DRY propõem a destruição do Estado e a continuidade das assembleias como tática para o alcance deste objetivo:

Creemos que los medios para conseguirlo deben ser lo más coherentes posible con los fines que buscan y, por tanto, estamos contra la participación en instituciones, contra los partidos políticos (parlamentarios o no) y las organizaciones jerárquicas, y apostamos por una política basada en el asamblearismo, la solidaridad, el apoyo mutuo, la acción directa, etc. Porque estamos convencidos que estos medios son los más eficaces para llevarnos a la revolución. ²³

As questões políticas expressas pelos participantes do movimento espanhol são diversas e complexas. Exigem, desse modo, um aprofundamento mais amplo sobre a natureza das suas proposições de maneira a compreender os distintos projetos expressos

no decorrer das suas manifestações. Os próximos passos da pesquisa incluem um detalhamento bibliográfico e a ampliação e discussão das fontes documentais com vistas a sustentar teórico e metodologicamente as nossas proposições. Os resultados preliminares, no entanto, indicam que a ocupação ampla da cena pública pelas massas, o repúdio às formas tradicionais de representação política, a indignação contra a situação precária das condições de vida da população e a presença maciça de jovens nesses movimentos são expressões de novas formas políticas de organização. Ademais, apontam pela existência de aspectos que necessitam ser analisados à luz da experiência histórica dos trabalhadores, assim como das formulações teóricas sobre a sua organização de maneira a ampliarmos a compreensão acerca da dinâmica dos processos históricos e o papel desempenhado por homens e mulheres no passado e nos tempos atuais.

¹ Graduanda do curso de História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: al.daniella@gmail.com

² A Espanha tenta se recuperar da pior recessão dos últimos 60 anos. A taxa de desemprego, nos primeiros meses de 2011 subiu de 19,8 para mais de 20,3 (Disponível em: <http://pt.euronews.com/2011/04/29/desemprego-espanhol-em-novos-maximos/> Acessado em 14 de Abril de 2012). Em maio, quando se intensificaram os movimentos de protestos, eram mais de 4 milhões de desempregados, jovens em sua maioria.

³ Essa denominação foi dada pela imprensa, e posteriormente absorvida pelos participantes do movimento.

⁴ Nome atribuído por sua data inicial, 15 de maio.

⁵ TÉTART, Philippe. *Pequena História dos historiadores*. Bauru, SP: EDUSC, 2000 p. 135.

⁶ HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 250.

⁷ Lema presente em faixas nas manifestações da praça "La Puerta del Sol", Espanha.

⁸ Entende-se por mídias alternativas veículos de comunicação não tradicionais que se mantêm fora do domínio dos grandes grupos de comunicação, usufruindo de algum grau de autonomia.

⁹ LUXEMBURGO, Rosa. Greve de massas, Partido e Sindicato. In: BOGO, Ademar (Org.). *Teoria da Organização Política: escritos de Engels, Marx, Lênin, Rosa, Mao*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 249.

¹⁰ LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg e a democracia participativa: uma leitura histórica à luz dos desafios contemporâneos*. Disponível em http://www.fase.org.br/v2/admin/anexos/acervo/10_texto%20isabel%20loureiro.rev.pdf Acessado em 15 de Abril de 2012).

¹¹ LUXEMBURGO, ROSA. Novamente a massa e o líder. In: LOUREIRO, Isabel (Org.). *Rosa Luxemburgo: textos escolhidos: volume I*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 419.

¹² GUÉRIN, Daniel. *Rosa Luxemburgo e a Espontaneidade Revolucionária*. São Paulo: Perspectiva, 1971, P. 24.

¹³ LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991, p. 88.

¹⁴ LOUREIRO, Isabel. *Democracia e Socialismo em Rosa Luxemburgo* (Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/4_Isabel.pdf Acessado em 14 de Abril de 2012).

¹⁵ LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburg e a democracia participativa: uma leitura histórica à luz dos desafios contemporâneos*, op. Cit.

¹⁶ ROTOLO, Tania M. S. *Autonomia popular e socialismo democrático em Rosa Luxemburg*. (Disponível em

http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao5/Tatiana_Rotolo.pdf Acessado em 15 de Abril de 2012).

¹⁷ “*Que se vayan todos!*” (Disponível em <http://hommodolars.org/web/spip.php?breve612>. Acessado em 14 de Abril de 2012).

¹⁸ Mais informações sobre a plataforma: <http://www.democraciarealya.es/>

¹⁹ Disponível em <http://burgos.democraciarealya.es/blog/2011/05/13/comunicado-manifestacion-democracia-real-ya-burgos/> Acessado em 14 de Abril de 2012.

²⁰ Disponível em <http://www.democraciarealya.es/documento-transversal/> Acessado em 14 de Abril de 2012.

²¹ Idem, loc. Cit.

²² *Que se vayan todos!*, op. Cit.

²³ Texto escrito em Madri sob a assinatura: “Algunxs anarquistas madrileñxs”. (Disponível em: http://es.internationalism.org/ccionline/2011_15M/anars. Acessado em 15 de Abril de 2012).